

Oscilação Pictórica: As mudanças da pintura e a simbologia da concha

Ruana Negri Crusca^{*}

Prof. Dr. Sergio Niculitcheff (orientador)

Resumo

A pesquisa revela pensamentos e práticas sobre a pintura brasileira, surgem questões quanto a sua existência ao longo da história da arte, a sua utilidade, o desenvolvimento da sociedade, o avanço tecnológico, o surgimento de novas mídias e novas linguagens propiciadas pelo âmbito artístico.

O conceito de pintura expandida também surge nos pensamentos, são mostradas as alternâncias de alguns materiais e elementos utilizados na pintura contemporânea.

Reflexões referentes aos trabalhos de Sandra Cinto e ao passado do povo Manteña são pertinentes a pesquisa, para reforçar que a concha é um símbolo do corpo feminino, tema utilizado no projeto artístico prático *Corpo Mareado*, realizado junto à pesquisa teórica.

Palavras-chave: Concha. Corpo Feminino. Manteña. Pintura. Sandra Cinto.

^{*} Atualmente cursando Artes Visuais no sexto semestre do período noturno no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Frequentou de 2001 até 2005 curso de pintura a óleo sob orientação do artista plástico Alain Braga. Após esse período prosseguiu dando continuidade com as atividades artísticas, especificamente nas linguagens de desenho e pintura. Atualmente trabalhando na área de arte educação, e também se dedica à produção artística de atelier, com a realização de obras que envolvem as técnicas de pintura, o desenho e a cerâmica.

1. Introdução

A pintura é encontrada desde o tempo das cavernas, repensar as possibilidades dessa linguagem na contemporaneidade pressupõe conhecer as suas origens e modificações, situando-a em novos contextos, distanciando de questões tradicionais clássicas em sua representação.

No século em que vivemos encontram-se novos campos de manifestações e pesquisas plásticas poéticas, o movimento pictórico dialoga e se interliga com outras linguagens, dando a ela uma nova forma. A possibilidade da forma é ampliada e variada como a escolha do tema selecionado para ser representado, o corpo feminino também é um assunto antigo, o que ocorre na pesquisa poética prática é a resignificação desse corpo que se expande no espaço através do canto e da representação da concha, simbolizando um corpo gerador de vidas.

A simbologia da concha como corpo é encontrada na cultura dos Manteñas, povo localizado onde hoje se situa o Equador, trazer parte da cultura desse povo é fazer com que esse grupo indígena latino-americano, dentre tantos outros, seja lembrado para que não fique no esquecimento histórico.

2. Desenvolvimento

2.1 Panorama da pintura no Brasil

Quando se pensa na trajetória da arte pictórica no Brasil, é relevante primeiramente explicitar a chegada da Missão Francesa em 1816, no Rio de Janeiro, a partir desse momento é instituída a categoria de artista no país.

A atividade artística antecedente a esse período era uma atividade manual exercida por escravos negros e indígenas, fazer arte não era "assunto de homem branco". Com o tempo a elite foi se apoderando da arte, artistas imigrantes passaram a atuar no circuito artístico brasileiro, evidentemente contribuíram para o meio artístico através de seus saberes artesanais, demonstrando a sua intimidade com os meios técnicos agregados em seu país de origem ou em suas colônias no próprio Brasil, esses artistas operavam como agentes de atualização. O país entrou em processo de transformação e logo as expressões artísticas de negros e de indígenas foram "ficando para trás".

Pensando nos tipos de linguagens existentes, uma se mantém presente por toda a história da arte, a pintura. Os precursores dessa linguagem foram os primeiros exploradores da terra que viera a ser recém-descoberta, artistas e

naturalistas encarregados de fazer o registro visual da fauna, da flora e do povo nativo, toda a produção era carregada de traços da arte renascentista. Por um bom tempo a arte brasileira é baseada e originada somente por um embasamento europeu, entre os séculos XVII e XVIII surge o Barroco no Brasil, formado por influências européias, porém, agora encontram-se também influências locais.

Diferente da Europa o Brasil é um país pobre, contudo, o barroco se enraizou. Ao contrário das características estéticas do Clássico, como a forma fechada e linhas de contorno, o Barroco trás uma forma aberta, sendo assim, existem possibilidades de relações de justapor elementos nesse tipo de pintura, abre-se então o caminho da policultura, possibilitando a criação de uma identidade mais nacionalista.

O barroco vem a ser um grande salto na pintura brasileira, porém, é na Semana de Arte Moderna em 1922, a princípio com a pesquisa plástica de Tarsila do Amaral, que o Brasil enquanto pintura começa a adquirir firmemente uma autonomia nacional.

2.2 Do nacionalismo à chegada das novas linguagens

A era do quadro se encontra por muito tempo na história da arte, mas é um fato para muitos observadores que algum tipo de morte tenha ocorrido. De acordo com Oswaldo Correa da Costa ocorrem mortes da pintura, uma por volta de 1950 e outra morte no período de 1968 e 1982.

Em 1950 a pintura tinha como missão testar os próprios limites formais. Roberto Pontual afirma que houve uma instalação de bases operacionais no aprofundamento da revolução modernista, envolvendo museus, mostras e o mercado da arte. Entre 1960 até o começo de 1980, pode-se dizer que o predomínio histórico da pintura foi que morreu.

A escultura também se encontra desde muito tempo no âmbito artístico, mas é difícil não dizer que muitos artistas considerados importantes nos últimos séculos foram pintores. Sendo a técnica óleo sobre tela o meio predominante artístico dos últimos 300 anos. Contudo, é crescente a sensação da pintura como linguagem ultrapassada, um meio de expressão antiquado, no final da década de 1960.

Em 1968 surgem as primeiras dificuldades referentes ao regime militar, que impunha a censura em diversos meios de comunicação. Os participantes do meio artístico tendem a se isolar, poucos grupos continuam se formando e se

manifestando, como a *Escola Brasil*, localizada em São Paulo e composta por José Resende, Luis Paulo Baravelli, Carlos Fajardo e Frederico Nasser, além disso, os *Domingos de Criação* chegaram a motivar muitas pessoas a trabalharem em conjunto. Porém, até 1975 o clima ia do pessimismo ao silêncio.

Com o pensamento de transformação presente nas vanguardas, surgem manifestações ligadas a novas linguagens, como os happenings, as performances, a land art, a body art e a criação de objetos que não são denominados nem como escultura e nem como pintura, são trabalhos feitos com materiais sem a tradição propriamente das *Belas Artes*, muitas dessas obras são consideradas efêmeras, deixando registros muitas vezes em forma de fotografias ou vídeos.

Não foi coincidência essas novas mídias passarem a ser exploradas pelos artistas plásticos. Já que podemos apresentar as mortes enquanto fatos, devemos pensar em não ignorá-las, pois, elas foram reais enquanto acontecimentos para diversos artistas de vanguarda, que tem o poder de ativar a linguagem e renovar o repertório, alterando o rumo da arte.

A denominação "morte" pode ser interpretada como a rendição da pintura tradicional as novas mídias. Desde a invenção da fotografia no início do sec. XIX, ela iniciou-se com a função de representar a realidade externa, antiga função da pintura.

Hoje a tecnologia possibilitou aos artistas tratarem de temas mais gerais, disponíveis a todos, ocasionando o complemento do espectador. Trazendo a evolução da arte visual para uma arte tátil-visual, e dessa para a tátil visual-sonora, acrescentando agora os outros sentidos, passando até mesmo em alguns casos para o pressuposto papel de devorar a arte. Na contemporaneidade existem papéis atuantes que se relacionam um com o outro, criando relações de interdependências. Frederico Moraes (1975) afirma; "Não se pode mais aceitar a arte como mero prazer visual, a provocar êxtases místicos ou vãs satisfações masturbatórias".

2.3 Pintura Expandida

Com esse pensamento da evolução da pintura, a curadora Angélica de Moraes, junto ao Paço das Artes, em 2004, promoveu a exposição "Pintura Reencarnada". A exposição mostra a migração do raciocínio pictórico para a instalação, a fotografia, o vídeo, dentre outras linguagens artísticas visuais contemporâneas.

Novos caminhos, paralelos ou não, são abertos a arte. Surge o conceito de “Pintura Expandida”, que pode se resumir nos aspectos da pintura mesclado com outras linguagens. São trabalhos produzidos com materiais não usuais da pintura tradicional. Pode-se ainda encontrar o uso da perspectiva, uma figura concreta ou abstrata, estruturas, ritmo e cor, opacidades e até mesmo sobreposições de grafismos.

Diz Frederico Moraes (pag. 27, 1975); "Cessemos nossa atividade especulativa (pintar quadros) e retornemos as bases sãs da arte - a cor, a linha, a matéria e a forma no domínio da realidade que é a construção prática". E dizia Hélio Oiticica;

Já não tenho dúvidas que a era do fim do quadro está definitivamente inaugurada. Para mim a dialética que envolve o problema da pintura avançou, juntamente com as experiências (as obras) no sentido da transformação da pintura - quadro em outra coisa (para mim o não-objeto), que já não é mais possível aceitar o desenvolvimento "dentro do quarto", o quadro já se saturou. Longe de ser a "morte da pintura", é a sua salvação, pois a morte mesmo seria a continuação do quadro como tal, e como "suporte" da "pintura". (...) o problema da pintura se resolve na destruição do quadro, ou na sua incorporação no espaço e no tempo. (COSTA, pag. 16, 2005)

Para muitos artistas o quadro já não se contém nos limites da tela ou da moldura. Porque um tempo histórico e pictórico está a incorporar na obra, através da agregação do espaço ao redor. Esse é um quesito importante dentro do conceito de pintura expandida. São obras que não existiriam se a história e o artista contemporâneo não tivessem uma memória do fazer e do pensar pictórico.

2.4 Corpo Mareado

Pensando nas reflexões sobre a pintura, o conceito de sua expansão e a necessidade de trazer o meu corpo para o espaço, foi desenvolvido um projeto artístico prático. *Corpo Mareado* é uma instalação de parede e piso. Aborda conceitos físicos, psicológicos e estéticos. Estabelecendo diálogos com teóricos como Oswaldo Correa da Costa, Gaston Bachelard, Rui Carlos Loreto, Victor Hugo Arellano e com a artista Sandra Cinto.

Em um canto de uma sala de paredes lisas e brancas, e de luz difusa, estará disposta uma pintura feita com tinta acrílica, trará uma forma leve e diluída, resultado da maleabilidade da tinta acrílica misturada com água. A forma a ser representada é originada a princípio pelo ventre feminino. Serão usados tons rebaixados que se

aproximação das tonalidades concentradas nas peças enfileiradas no chão, o qual será branco. Para a execução deste projeto artístico pretendo dispor da seguinte montagem, estas peças serão modeladas com diversos tipos de argila, assim, após a segunda queima obterão tons rosados.

O projeto aborda a expansão do corpo feminino no espaço, através da representação da pintura e de peças baseadas em conchas marinhas. Formas orgânicas, ondulações, curvaturas, encontram-se presentes neste corpo que não se comprime, mas que se expande. O canto é a localidade iniciadora da expansão do mesmo. Quando existe a presença da expansão, a intimidade do corpo revelado se transforma.

A concha foi um emblema do ser humano por inteiro – corpo e alma. Gaston Bachelard trás questões referentes ao assunto. “Há uma descrição da concha de Vênus que representa a vulva de uma mulher”.

A imagem da concha pode ser encontrada em diversas representações da cultura e na história antiga, mais especificamente na cultura dos Manteñas, povo que se mais notou no comércio náutico, pois dominou as rotas do pacífico americano. O objeto pelo qual esses habitantes ficaram conhecidos como “povo do mar” foram as lustrosas conchas *Spondylus*. Essas conchas eram sagradas para esse povo, foram associadas ao órgão sexual feminino, simbolizando portanto a fertilidade.

Quanto à montagem pretendo que seja feita em um ambiente com iluminação difusa, para não trazer sombras tão marcadas das peças no chão. No momento o projeto agrega 150 peças modeladas com argila, até o desenvolver do projeto no espaço físico ocorrerá a produção de mais peças. A escolha de peças se baseará de acordo com o espaço físico disponível. A organização das peças de argila é recomendada a partir da sintonia entre o corpo do artista com o espaço, o que possibilitará a expansão do corpo mareado. Sendo assim, a instalação será diferente a cada vez que o projeto for montado. Como o “vai e vem” do mar, *Corpo Mareado* busca se movimentar de acordo com cada sala e cada momento em que será montado, um corpo que se desfaz e se refaz. Sofrendo mudanças, porém, nunca deixará de ser corpo.

Induzir as pessoas a pensar pintura em um campo expandido é muito prazeroso, reforçar esse conceito é trazer mais reflexão sobre algo que não está

presente no senso comum, fazendo com que os expectadores possam enxergar a pintura de outra forma, por outro viés.

2.5 O Povo Manteña e Sandra Cinto

Os Manteñas se encontravam nas regiões onde hoje é situado o Equador, eles vendiam tecidos bordados, adornos de ouro, prata, platina, porém, o objeto que rendia mais lucro foram as conchas *Spondylus*. Usadas em rituais religiosos e como adorno pela elite. O arqueólogo Javier Véliz Alvarado, do museu Salinas, no Equador, diz que essas conchas eram tão valiosas como os metais preciosos.

As conchas existiam em grande quantidade na ilha de La Plata, se encontrando a 25 quilômetros da costa do Equador. Havia espécimes que chegavam a um tamanho enorme, essas ficavam a até 30 metros de profundidade. Correntes de ventos, e correntezas marítimas driblavam o catador de conchas, que tinha que mergulhar com um saco de pedras junto de si, para afundar mais rápido, encontrando a concha em rochas arrancava-na, terminado, eram puxados por uma corda pelos barqueiros.

Os catadores eram a base da pirâmide social, e essas ações eram retratadas nas moedas e na cerâmica. Afirmo o historiador Victor Hugo Arellano, que famílias influentes do Equador na contemporaneidade descendam de catadores de conchas.

Acredita-se que aproximadamente a cerca de 3.500 anos, foram feitas barcas rudimentares para ir ao encontro da ilha. Alvarado afirma que a partir daí é que esse povo começou a adquirir e a desenvolver conhecimentos sobre navegação e construções de barcos. De acordo com historiadores, a concha *Spondylus* era cultuada no Peru, norte do Chile, América Central e México. O povo Manteña pode ser encontrado até hoje, porém, agora só resta-lhe a lembrança de seu passado. O povo perdeu o comércio marítimo, porém, ainda é comum encontrar barcos iguais aos de anos atrás, feitos pelos nativos.

Além dos manteñas, o projeto artístico e alguns outros trabalhos de minha autoria têm como referência a artista Sandra Cinto.

Sandra Cinto (1968, Santo André) se formou em educação artística nas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila - Fatea, em Santo André, em 1990. A religião foi de grande importância no trabalho da artista, que desde pequena se deslumbrava nas missas com as imagens presentes nas igrejas. Por isso, a presença do céu em

algumas obras, mas o que a interessa mesmo é o conceito que está por trás do trabalho. Talvez por isso o seu trabalho apresente de forma clara uma continuidade.

Nas obras de "imitação da água", ocorre uma imersão da artista, relacionada às horas intermináveis de trabalho com a criação e o acúmulo de linhas sobre tela, (enquanto no meu projeto ocorre uma imersão ocasionada pelas demoradas horas de modelamento de peças e aplicações sutis de texturas nos objetos de argila). O conjunto de peças não é visto a princípio, a unicidade de cada objeto é mantido para depois virar um único corpo.

A artista intervém de modo gráfico na arquitetura dos espaços (influência também de Regina Silveira), objetos ou em imagens. Já dizia David Barro;

Mais do que desenhar, diria que Sandra Cinto intervém graficamente nos espaços arquitetônicos, nos objetos ou qualquer imagem, que passa a ganhar um caráter híbrido, que se transforma numa espécie de rede poética ou teia de aranha que permite adivinhar uma segunda vida, um segundo tempo de actuação. (BARRO, pag. 20,2007)

Paulo Reis (in CINTO, pag. 13) afirma "como artista Sandra não refuta a beleza, busca aprofundá-la como sentido de existência, única saída para o homem". Assim é o corpo feminino, observado e sempre colocado como algo belo, porém, a beleza só complementa o sentido de existência como corpo gerador de vidas.

Depois dos céus azuis aparecem as nuvens vermelhas, e logo surgem os feixes de linhas, podendo ser variados tipos indiciais. Como na série "Noites de Esperança", desenhos prateados ou dourados sobre o preto ou tonalidades de azul escuro. No início o desenho para Sandra Cinto era apenas um esboço, mas logo veio a perceber o desenho como um meio de expressão. Acabaram tornando-se uma instalação, formando conexões entre espaço, espectador e até mesmo outros elementos se forem incluídos ao ambiente.

3. Considerações Finais

A era do quadro ainda se encontra presente, as vezes mesclada com outras linguagens e outras vezes não, o artista tem a total liberdade de escolher aquilo que melhor vai suprir as suas necessidades. Trazer e reconhecer a essência pictórica é uma prática vivencial e perceptiva, de tempo e reflexão.

Ideia, corpo e matéria sempre estarão em mutação e dispostas a adaptações. A adaptação faz parte da aceitação cultural, é relevante e de suma importância a

informação, se não temos informações sobre o passado, torna-se difícil agregar uma identidade, por fim, trazer escritos sobre o povo indígena latino-americano é reviver sua existência e contribuições dadas para a formação do mundo e dos habitantes presentes, não deixando que tudo caia no esquecimento, ocasionando literalmente a extinção de determinados povos.

Abstract

The research reveals thoughts and practices about the Brazilian painting. Some questions arise about its existence throughout the history of art, its usefulness, its contribution to the development of the society and to the technology, its relation with the emergence of new media and new languages offered by an artistic scope.

The Expanded Painting concept also appears to these thoughts, which are shown the alternations of some materials and elements used in contemporary painting.

Some reflections on Sandra Cinto's papers and the past of the Manteña people are relevant to the research as it strengthens that shell is a symbol of the female body, which is a theme used in the artistic design practice *Corpo Mareado*, carried out with the theoretical research.

Key words: Shell. Body Female. Manteña. Painting. Sandra Cinto.

4. Fontes Consultadas

4.1 Material Impresso

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Martins Fontes, São Paulo, 2000. Cap.

V- A concha e Cap. VI – Os Cantos pag. 145

BARRO, David. *Sandra Cinto – A Travessia Difícil*. Texto: O auto-Retrato deslocado de Sandra Cinto. Editado pelo Museu de Arte Contemporânea União Fenosa y Dardo, Lisboa, 2007.

BENZONI, Girolamo. *La Historia del Nuevo Mundo*. Alianza, 1989.

CINTO, Sandra (Coordenação editorial). Textos de: MORAES, Angélica; MORAIS, Marcos; PEDROSA, Adriano; PLATOW, Raphaela; REIS, Paulo. *Sandra Cinto: Construção*. Editora Dardo tu, 2006.

CHIARELLI, Tadeu. *Arte Internacional Brasileira*. Lemos Editorial, São Paulo, 2001.

COSTA, Oswaldo Correia. *Dudi Maia Rosa e as mortes da pintura*. Brito Cimino, São Paulo, 2005.

FAVARETTO, Fernando Celso. *A Invenção de Hélio Oiticica*. Edusp, 2000.

HIRSZMAN, Maria. *Sandra Cinto: a arte como instrumento de reflexão*. Spvariedades- 8c Jornal Da Tarde. 15-01-1998.

MORAES, Angélica. *Sandra Cinto cria arte com a dor do mundo*. Caderno2 visuais - D16. O Estado de S. Paulo. 11-10-1997.

MORAIS, Frederico. *Artes Plásticas: a crise da hora atual*. Pas & Terra, Rio de Janeiro, 1975. São Paulo, 1992.

OLIVER. A.P.H. *The Hamlyn Guide to Shells of the World*. Illustrated by James Nicholls. The Hamlyn Publishing Group Limited. 1975.

PONTUAL, Roberto. *Explode Geração*. Avenir Editora, Rio de Janeiro, 1984.

Pintura reencarnada. Paço das Artes. Impressão oficial.

4.2 Material Eletrônico

CABRAL, Vinicius. *Os mantenas*. Disponível em; <www.historiazine.com/2011/02/os-mantenas.html> (acessado em: 17 de abril de 2011 as 21h00)

LORETO, Rui Carlos. *Tudo não passa de um "Canibalismo Amoroso"*. Publicado no recanto das letras em 15-01-2001 <www.recantodasletras.com.br/artigos/2731707> (acessado em: 18 de abril de 2011 as 19h30)

ARANHA, Carla. *Manteña: Fenícios da América*. <<http://historia.abril.com.br/guerra/mante-fenicios-america-434399.shtml>> (acessado em: 18 de abril de 2011 as 21h00)